



## Potencialidades da narrativa greimasiana\*

Luiz Tatit \*\*

Waldir Bevidas \*\*\*

**Resumo:** Epicentro das reflexões da semiótica de Algirdas Julien Greimas, desde sua origem, a narratividade é investigada aqui em três direções propositivas: (i) compreender a tensividade implícita no modelo narrativo greimasiano, a partir das propostas heurísticas de Claude Zilberberg; (ii) incorporar à narratividade – concebida como antropologia do imaginário humano – o regime tímico-pulsional, defendido por Jean Petitot; (iii) sugerir a entrada da semiótica no debate sobre as “grandes narrativas da antropogênese” – narrativas científico-evolucionistas sobre a espécie humana, narrativas humanistas da “exceção humana”, narrativas fenomenológicas da “diferença antropológica” – para instruir tal debate com a proposta de um relato semiológico que ponha em evidência a presença e a ação da linguagem na antropogênese.

**Palavras-chave:** antropogênese, tensividade, narrativa semiológica

A estrutura actancial aparece cada vez mais como podendo dar conta da organização do imaginário humano, projeção de universos coletivos tanto quanto individuais.\*\*\*\*  
(A. J. Greimas)

## Introdução

Considerado o trabalho levado a efeito no livro *Semântica Estrutural* de Algirdas Julien Greimas (1973b [1966]), sob inspiração das reflexões críticas de Claude Lévi-Strauss, pelo qual as 31 funções e os 7 personagens da *Morfologia do Conto Maravilhoso* de Vladimir Propp (1984 [1928]) foram transformadas e sistematizadas ao modo de um “esquema narrativo canônico” e arquitetadas na ordem de uma “estrutura actancial”, e considerada igualmente a epígrafe acima, no contexto da reflexão greimasiana de meados dos anos 1950 aos anos 1990 do século vencido, temos de convir que se trata de um pioneirismo quanto à teorização da *fundação narrativa* que caracteriza o *imaginário humano*. Reconhecê-lo não é, portanto, proselitismo do grupo pequeno de seus discípulos, mas algo bem maior, que a História do pensamento humano deveria registrar. Não obstante tal pioneirismo está longe de ser conhecido e

reconhecido pela comunidade acadêmica mundial: no universo acadêmico, a história contada não deixa de contabilizar inúmeras distorções sobre a paternidade das ideias.

Com efeito, num recente texto intitulado “Narratologie, narrativité et régimes d'immanence” [“Narratologia, narratividade e regimes de imanência”], Denis Bertrand (2014) registra e lamenta mais um episódio desses. No último decênio a retomada massiva do interesse pela narrativa, nas mídias e também no mundo acadêmico, em vários ramos e disciplinas do saber como o da psicologia, da psicanálise, da sociologia, da antropologia, da história, da filosofia, das ciências da linguagem, dos estudos literários, dos estudos feministas e de gênero, da educação, da medicina, da ação social, da biologia, do direito, das ciências da religião, da informática, tudo se dá praticamente sem a menor menção aos trabalhos pioneiros de Greimas e de sua semiótica. Com a longa lista de disciplinas acima, Bertrand se

\* Uma primeira versão deste texto foi publicada em espanhol na revista *Tópicos del Seminario* (Puebla, México), n. 37, e está disponível em: <http://www.topicosdelseminario.buap.mx/index.php/topsem/article/view/481/451>

\*\* Professor Titular do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Bolsista produtividade CNPq. Página pessoal: [www.luiztatit.com.br](http://www.luiztatit.com.br). Endereço para correspondência: { [tatit@usp.br](mailto:tatit@usp.br) }.

\*\*\* Professor Associado Livre-Docente no Departamento de Linguística (Graduação) e do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo. Bolsista produtividade CNPq. Endereço para correspondência: { [waldirbevidas@usp.br](mailto:waldirbevidas@usp.br) }.

\*\*\*\* Tradução nossa para o trecho original: “La structure actantielle apparaît de plus en plus comme étant susceptible de rendre compte de l'organisation de l'imaginaire humain, projection tout aussi bien d'univers collectifs qu'individuels.” (Greimas, 1973b, p. 162).

refere àquelas convocadas ao 7º Congresso Mundial, intitulado “*Narrative matters. Récit et savoir*” [“Tópicos narrativos. Narrativa e saber”], realizado na Universidade Paris-Diderot em parceria com a Universidade Americana de Paris, em 2014; e sua versão anterior, em 2012, em Paris, com o tema “*Vie et récit*” [“Vida e narrativa”]. Nesses dois congressos, gigantescos em número de participantes, tal interesse narratológico se deu referenciado a obras como a de Christian Salmon, *Storytelling* (2007) ou a de Donald Polkinghorne, *Narrative Knowing and the Human Sciences* (1988), passando-se ao largo qualquer menção, reconhecimento ou referência aos trabalhos de Greimas, com nada menos de 20 anos de anterioridade, de experiência analítica, e de progressos teóricos notáveis de sua disciplina em avanços heurísticos significativos por ele próprio e, uma vez não mais presente, pela equipe de seus discípulos, frente a esses eixos de referência.

Se tal distorção se dá a partir de um âmbito externo à semiótica, temos de convir que a própria semiótica paga, de seu interior, uma quota de responsabilidade. Pela própria força de previsibilidade de seus modelos, ela avança com demasiada sofreguidão em terrenos sempre novos, tal um exército voraz a conquistar novas terras, sem se preocupar muito em consolidar os campos já conquistados. Entramos e logo “saímos” de Propp. Mal o esquema narrativo ficou estipulado e eis que a sintaxe modal ganhou autonomia. Pouco explorada esta em todo o regime de suas compatibilidades e incompatibilidades, sobreposições e metamodalizações, tal como previsto no artigo inicial de Greimas sobre o tema (1976), e já partimos para a figuratividade, e cada vez mais “profunda”. Em pouco mais de uma vintena de anos, a semiótica “categorial” logo se viu destronada, quase esconjurada, em nome da semiótica “gradual” e “tensiva”, e assim sucessivamente, até ganhar a vastidão de perfis e matizes que caracterizam o campo semiótico na atualidade. Enfim, exploramos muito, e rapidamente, terras virgens, mas cultivamos pouco, e pacientemente, terrenos conquistados.

Perante esse duplo desconforto, externo e interno, a retomada do interesse e da reflexão sobre a narratividade no próprio interior da semiótica é uma homenagem aos cem anos de nascimento de Greimas – razão deste número da revista *Estudos Semióticos*. Essa homenagem, a nosso ver, justifica-se de plena pertinência e atualidade. Nessa perspectiva, o presente texto tem por finalidade noticiar, nos limites que aqui se impõem, uma breve contribuição – a ser vista como convite à reflexão mais do que como resultado dela – sobre três segmentos da teorização geral da narratividade em vigência no campo greimasiano, segmentos pouco ou mal explorados até hoje: (i) a compreensão da tensividade *implícita* no modelo narrativo greimasiano, a partir das propostas heurísticas de Claude Zilberberg (2006 [1988], 2011 [2006]); (ii) o pleito de

integração de uma base *semiótico-pulsional* na narratividade, a partir de sugestões de Jean Petitot (1985a e 1985b); e (iii) o pleito de exploração de uma *narrativa semiótica* no vasto campo da antropologia, qual seja, das “grandes narrativas da antropogênese”, tendo por contraponto as reflexões fenomenológicas do filósofo Etienne Bimbenet (2014 [2011]).

## 1 Narratividade e tensividade

Se o tema do acontecimento ressurge na semiótica de hoje como a principal indicação da imprevisibilidade narrativa, já houve tempo em que Greimas o concebia como uma “mensagem-espetáculo”, portadora de categorias modais e funções actanciais cuja estruturação garantia uma forma invariável para todos os “micro-universos semânticos”. Mais que isso, o autor lituano via nas organizações subjacentes ao “espetáculo do acontecimento” a possibilidade de construção de uma verdadeira epistemologia linguística, dado que vêm delas as condições para o nosso conhecimento do mundo (Greimas, 1973a [1966], p. 174).

O acontecimento era então tratado como qualquer outra mensagem passível de ordenação narrativa. A novidade estava em inaugurar um ponto de vista semiótico para a compreensão do sentido que, embora fundado em princípios linguísticos, não se restringisse às dimensões frasais nem mesmo às análises de textos verbais. Depois de definir os actantes como classes de sememas, numa visão claramente taxinômica, Greimas dedicava-se cada vez mais ao estudo das operações sintáticas que dão unidade aos textos. Deixava de lado os semas, sememas e classemas, que acusavam a origem linguística do seu pensamento, em favor das categorias actanciais e modais, bem mais úteis para esclarecer a “inteligência sintagmática” que se manifesta tanto nas linguagens verbais como nas não-verbais e que, em última instância, rege o imaginário humano. Procurava, no fundo, os sinais de competência narrativa que estavam presentes, às vezes de maneira camuflada, na maioria dos textos examinados. Foi na “morfologia” dos tradicionais contos russos, escrita por Vladimir Propp (1970), que o idealizador da obra *Semântica Estrutural* (1973a) se inspirou para propor sua sintaxe discursiva. Começou, como se sabe, pelo estudo das duas principais ordens sintagmáticas: uma de natureza teleológica (sujeito → objeto) e outra de natureza etiológica (destinador → destinatário) (Greimas, 1973a [1966], p. 176).

Anos depois, a primeira ordem sintagmática deu origem a uma ampla semiótica da ação (*fazer*) que compreendia não apenas a direção inexorável que leva o sujeito ao seu objeto, mas também as interrupções de percurso provocadas pela atuação de um oponente ou de um antissujeito, como se diz atualmente, tudo

isso explicando as conquistas e perdas envolvidas na importante noção de “progresso narrativo” (Greimas; Courtés, (2008 [1979], p. 334). Da segunda ordem sintagmática surgiu uma semiótica da comunicação *lato sensu* que, muito rapidamente, se converteu em semiótica da manipulação (*fazer fazer*) ou da persuasão (*fazer crer*). Fazem parte desta última os acordos que definem as chamadas relações contratuais, mas igualmente as divergências que caracterizam as relações polêmicas. Só no primeiro caso podemos falar de compromisso entre destinador e destinatário. No segundo, teremos disputa entre dois sujeitos da comunicação que pode gerar, nesse ato, um programa narrativo em confronto com seu antiprograma.

Essa “narratividade generalizada” (Greimas; Courtés, 2008 [1979], p. 330) repercutiu até no processo de enunciação que Greimas reservara ao nível discursivo do modelo semiótico. Afinal, todo enunciador é, por definição, um destinador que pretende persuadir seu enunciatário (ou destinatário) e com ele celebrar um contrato veridictório (baseado num consenso cognitivo) ou, ao menos, fiduciário (baseado numa relação de confiança). Ao perceber que a narrativa poderia dar conta do enunciado e da enunciação, o semioticista não teve mais dúvida sobre o valor gramatical desse conceito para a descrição transfrasal e, no limite, para a descrição do sentido em geral por meio de noções como transitividade, transformação, estado, modalização, argumentação, avaliação etc, todas prevendo descontinuidades no decorrer de uma evolução contínua. Não se tratava mais de encontrar parâmetros regulares para a análise de fábulas ou outras literaturas seminais, mas de uma descoberta metodológica que, com as devidas adequações, poderia ser aplicada em qualquer gênero de descrição, mesmo que seus objetos não trouxessem as figuras típicas da linguagem verbal e do mundo natural. Uma tela abstrata, por exemplo, embora dispense a configuração de personagens ou mesmo de funções actanciais, dificilmente deixará de apresentar estados e transformações no domínio de suas cores, volumes ou contornos. Uma sinfonia, por sua vez, propõe formas de evolução sonora em permanente conflito com os contracantos ou com as mudanças de ritmo e andamento até recuperar sua identidade inicial já incorporando os efeitos antagonistas que ameaçaram seu movimento progressivo. Todos esses são sintomas da presença narrativa em sistemas não-verbais.

Greimas adotou a gramática narrativa – e seus sucessivos rearranjos conceituais – como núcleo essencial e profundo do seu projeto científico de compreensão do sentido. Os estudos semióticos começavam e terminavam então com um bom domínio da teoria narrativa, de tal maneira que os autores que adotavam outras linhas de pesquisa, tanto nesse campo como em áreas paralelas, referiam-se (e referem-se ainda) a essa ciência

como “semiótica narratológica”.

O próprio quadrado semiótico, tão associado ao pensamento greimasiano desde a década de 1970, era uma representação sumária do esquema narrativo, enfatizando os tópicos principais de seus estados e transformações. Essa narratividade plena era o que dava uma forma previamente articulada aos conteúdos imanentes a serem descritos.

O ingresso das modalidades, em especial as representadas pelos verbos *querer*, *dever*, *poder* e *saber*, no seio das operações actanciais, como agentes capazes de modificar o *ser* do sujeito ou mesmo sua relação com o *fazer* narrativo, foi uma primeira demonstração de que o semioticista poderia também abarcar a dimensão subjetiva dos textos, desde que contasse com dispositivos técnicos (linguageiros) para tanto. A modalização dos actantes bem como as sobremodalizações decorrentes (como no caso do sujeito que *sabe fazer* o outro *querer fazer*) abriram uma possibilidade concreta para esse gênero de estudo, sobrepondo à sintaxe actancial um projeto de sintaxe modal bastante promissor.

A investigação das modalidades pôde ser desenvolvida sem maior dificuldade no interior da teoria narrativa. O que acabou pondo em xeque a abrangência da narratividade foi uma categoria a princípio secundária, concebida para classificar a relação afetiva do sujeito (ou do ser humano) com os pontos extremos articulados no quadrado semiótico dentro de um microuniverso semântico: a categoria *tímica*. Sem se preocupar com sua motivação morfológica, Greimas articulou-a em euforia e disforia e lhe reservou a função de inserir o quadrado numa dimensão axiológica e/ou ideológica. Sua intenção era a de que esses semantismos sumários, transmitindo simples atração ou repulsa do sujeito por seus conteúdos básicos, pudessem assegurar os indícios mínimos da presença humana no modelo semiótico desde suas fases mais abstratas.

Mas não é raro na história das ciências e filosofias que noções criadas para ocupar um lugar de pouco destaque no quadro geral da teoria se agigantem e acabem provocando reformulações em toda a sua hierarquia conceitual. Foi o que ocorreu, no nosso entender, com a noção de *timia*, a começar por sua providencial substituição pelo termo *foria*, bem mais motivado para articular euforia e disforia.

Mesmo utilizando a expressão *foria*, os textos greimasianos não abandonaram a acepção original de *thymós*, traduzida como “disposição afetiva fundamental”, uma vez que quase sempre se referia às situações de alta sensibilização do sujeito no interior de um quadro passional. É nessa linha de compreensão que *foria* aparece tanto em *Da Imperfeição* (2002 [1987]) como em *Semiótica das Paixões* (1993 [1991]), está última escrita em colaboração com Jacques Fontanille. Embora

adotasse a nova noção, Greimas ainda se encontrava bastante vinculado ao valor semântico do conceito de timia.

Foi Claude Zilberberg quem enxergou desde o início o potencial sintáxico da noção de foria. A partir de sua acepção etimológica, “força para levar adiante”, o semiótico francês tratou a foria, não apenas como ímpeto sensível e passional, mas sobretudo como um processo tensivo que se desenvolve no plano do conteúdo com características semelhantes às evoluções prosódicas do plano da expressão. As informações concentradas (feitos heroicos, revoluções, impactos estéticos e acontecimentos de maneira geral), correspondentes aos acentos melódicos de nosso fluxo verbal, tenderiam à expansão ou resolução do seu sentido (explicações, ponderações, elaborações e desenvolvimentos de toda sorte), ou seja, aos elementos difusos que estariam associados às modulações entoativas da nossa prosódia cotidiana. Como já se pode prever, os elementos expandidos, em contrapartida, tenderiam à concentração tal como ocorre na progressão melódica de nossa fala, na qual as modulações se dirigem aos acentos. A euforia, nessas condições, acompanharia os fluxos e os desenvolvimentos, enquanto a disforia assinalaria a contração e o refluxo, sem que haja necessariamente uma correspondência semântica entre esses termos e os seus pontos de incidência na cadeia sintagmática. Em outras palavras, expandir o fluxo pode ou não significar “boa disposição de ânimo” (acepção comum de euforia), assim como a concentração, fechamento ou interrupção do fluxo podem ou não caracterizar um sentimento de repulsa ou queda de ânimo (acepção de disforia). O que vale é o sentido sintáxico de ambos os conceitos (tendência à expansão ou tendência à concentração).

Com esse ponto de vista Zilberberg recupera a proposta hjelmsleviana de isomorfia entre os planos da linguagem, uma vez que acento e modulação passam a corresponder respectivamente a assomo e resolução, pois, de fato, no plano do conteúdo, os acontecimentos sobrevêm, mas imediatamente dão início a um processo de assimilação subjetiva que desfaz a surpresa e, ao mesmo tempo, expõe o sujeito a novos acontecimentos. O próprio autor dinamarquês, com sua instigante proposta de que as línguas naturais pulsam em componentes de contração (elementos intensos) e de expansão (elementos extensos), já havia sugerido um funcionamento isomórfico quando identificou os recursos acentuais com as concentrações nominais e, por outro lado, os recursos modulatórios com as difusões verbais (Hjelmslev, 1966, p. 145).

Na mesma linha de prosodização do conteúdo, Zilberberg retoma ainda o célebre modelo da silabação saussuriana (Saussure, 1971 [1916], p. 70-72). Tanto o assomo produzido pelo sobrevir do acontecimento quanto as nominalizações e acentos de Hjelmslev, com

suas tendências localizantes, perfazem o impacto terminativo da implosão silábica, enquanto a resolução, a verbalização e o movimento modulatório, com suas tendências globalizantes, traduzem a recuperação sonora e a expansão conteudística previstas na explosão silábica.

Podemos dizer que o comportamento silábico da sonoridade traduz de modo minimalista o avanço fórico nos termos sintáxicos propostos por Zilberberg. Disforia e euforia, nesse caso, teriam muito mais a ver com as orientações implosiva e explosiva do que com seus respectivos semantismos. Assim, foria, para o autor, tem estatuto pré-narrativo, pré-modal e pré-discursivo. É uma espécie de matriz da aspectualidade e preenche as condições do conceito hjelmsleviano de direção.

De fato, Zilberberg identifica as direções tensivas subjacentes aos dois movimentos narrativos canônicos: a direção descendente, responsável pela instalação da *falta*, e a direção ascendente, própria da sua liquidação. Em ambos os casos, o que está em jogo é a intensidade da competência modal e dos papéis desempenhados pelos actantes. No primeiro, a falta resulta de diminuições consecutivas (acréscimos de *menos*) e, no segundo, sua liquidação decorre de aumentos consecutivos (acréscimos de *mais*). Essa visão retoma, em outras bases, o princípio de Claude Brémont (1973) que definia a narrativa como sucessão de degradações e de melhoramentos, mas também a interessante noção de *progresso narrativo* que, na semiótica greimasiana, representa o crescimento do ser semiótico à medida que acumula seus papéis actanciais ao longo da trajetória. Os incrementos, representados pelas grandezas *mais* e *menos*, foram introduzidos pelo autor de *Elementos de Semiótica Tensiva* (2012) como recurso de quantificação subjetiva (não numérica) para se aquilatar, entre outras coisas, o nível de progresso conquistado por um determinado agente narrativo (Zilberberg, 2012, p. 51). Constituem ainda a resposta tensiva para o projeto de “cálculo” lançado por Greimas e Courtés em algumas passagens de seu famoso dicionário:

[...] o esquema narrativo é canônico enquanto modelo de referência, em relação ao qual os desvios, as expansões, as localizações estratégicas podem ser calculadas. [...] o papel actancial... subsume todo o percurso já efetuado e traz consigo o aumento (ou a diminuição) de seu ser [semiótico]; esse duplo caráter [posição sintática e ser semiótico] tem, assim, o efeito de “dinamizar” os actantes e oferece a possibilidade de medir, a cada instante, o *progresso narrativo* do discurso. (Greimas e Courtés, 2008 [1979], p. 334).

Hoje podemos confirmar que a direção ascendente concebida pela semiótica tensiva abrange as primeiras ordens sintagmáticas, etiológica e teleológica, estudadas por Greimas em sua célebre “pesquisa de método” publicada em 1966. A relação de acordo entre destinatador e destinatário favorece a relação de conjunção entre sujeito e objeto, sendo que ambas respondem



por uma continuidade resolutive de natureza eufórica, no sentido sintáxico do termo. Algo que, na evolução microcós mica saussuriana interpretada por Zilberberg, corresponde à explosão silábica e que, na semiótica narratológica, perfaz o itinerário completo de liquidação da falta. A direção descendente, ao contrário, descreve o antiprograma narrativo em seus diversos formatos: recusa da manipulação, polemização e disjunção entre sujeito e objeto. Tudo que rompe a continuidade entre os actantes e diminui a competência modal pressuposta pelo *fazer* concorre para a inação, figura narrativa da trajetória degressiva, da involução ou da disforia. Do ponto de vista tensivo, temos cada vez *mais menos* e, do ponto de vista silábico, temos o ponto da implosão (sonoridade máxima que só pode regredir). Não deixa de ser, por fim, o tipo de acontecimento (na acepção tensiva) mais cultivado pela teoria narrativa, ou seja, a falta (Zilberberg, 2011 [2006], p. 172).

Só pelos aspectos aqui relatados já podemos constatar que há considerável imbricação entre os conceitos narrativos e as noções hoje aplicadas pela semiótica tensiva. Mais do que isso, a proposta de Zilberberg apresenta-se como um ponto de vista no interior do mesmo projeto de busca metodológica empreendido por Greimas. Entretanto, observamos cada vez mais o abandono dos recursos narrativos nas análises tensivas concretas, como se os princípios greimasianos servissem apenas para descrever textos da literatura tradicional ou das manifestações folclóricas. O semioticista francês chega a afirmar que a sintaxe narrativa é caracterizada por sua “monotonia” descritiva (que o quadrado semiótico traduz na fórmula sumária contradição → implicação), fundada em previsibilidades que impedem o estudo dos fenômenos surpreendentes implicados na construção do sentido.

A questão de base está na maneira de conceber o acontecimento e na importância que lhe é atribuída no quadro geral da teoria. Greimas, como vimos, enxerga o acontecimento como uma mensagem organizada numa estrutura actancial imutável. Se Lucien Tesnière (1959) vislumbrava um pequeno espetáculo com suas funções permanentes (alguém que age e alguém que sofre a ação) por trás do enunciado elementar, o semioticista lituano entende que esse “enunciado-espetáculo” garante também nossa apreensão dos acontecimentos. O importante para o autor, portanto, é que o sistema linguístico e, por extensão, o sistema semiótico estão sempre providos da capacidade de integrar o acontecimento (assim como qualquer outra mensagem) em suas estruturas narrativas. Zilberberg, ao contrário, faz do acontecimento um conceito central da hipótese tensiva. Sua ênfase recai sobre o caráter inesperado e quase inapreensível de sua ocorrência. Dotado invariavelmente de alta intensidade e forte concentração, o acontecimento é fruto de uma aparição repentina

(o que sobrevém ao sujeito) e se comporta geralmente como o foco da informação. Esse índice acelerado e ao mesmo tempo de expressiva tonicidade não permite que esse conceito seja tratado no âmbito da *espera* formulada pela sintaxe narrativa. Em vez do pensamento implicativo, típico dessa sintaxe, Zilberberg propõe que se opere com um pensamento concessivo, o único que admite numa esfera gramatical o surgimento do conteúdo imprevisível: “embora não fosse esperado, isso aconteceu”.

O criador da semiótica tensiva relembra em diversas oportunidades a recomendação de Greimas: “é preciso sair de Propp” (Zilberberg, 2011 [2006], p. 12 e 270). De fato, a pesquisa sobre o sentido precisava se desenvolver para além dos princípios narrativos que acabaram se tornando a principal ferramenta descritiva da teoria semiótica. O estudo das paixões e das manifestações estéticas e estésicas tornou-se então a porta de saída imediata para o tratamento dos conteúdos subjetivos, líricos ou mesmo de cunho social. A fenomenologia, de um lado, e a retórica, de outro, foram incorporadas às investigações como alternativas metodológicas à abordagem meramente actancial. Nem todas as linhas, porém, trouxeram propostas verdadeiramente sintáticas para explicar o aspecto inopinável do acontecimento e integrá-lo com essa característica no modelo descritivo. A formulação concessiva introduzida pela hipótese tensiva parece-nos ser a única a cumprir essa função gramatical.

Por fim, é preciso dizer que “sair de Propp” não significa abandonar a sintaxe narrativa. Greimas inspirou-se no autor russo, mas nunca utilizou o modelo canônico tal como foi concebido na *Morphologie du conte* (1928). Na realidade, ele já estava saindo de Propp desde quando, por exemplo, reduziu significativamente o número das funções actanciais encontradas pelo antropólogo e circunscreveu as operações narrativas em apenas um dos níveis do percurso gerativo (entre o nível fundamental e o nível discursivo). O esquema narrativo reformulado por Greimas e equipe continua tendo o caráter universal que lhe foi atribuído há pelo menos quatro décadas. Se agora descobrimos, a partir do conceito de *foria*, que as relações actanciais já eram regidas por oscilações tensivas, também universais, isso não significa que tenhamos que “trocar de universalidade” e, muito menos, que o esquema narrativo fique restrito à análise de contos folclóricos ou de contextos singelos. Assim como os atores discursivos pressupõem os actantes narrativos que, por sua vez, pressupõem relações modais, todos esses conceitos pressupõem medidas que levam à concentração, à expansão, à aceleração ou desaceleração, à tonificação ou atonização, enfim, que determinam a forma e a força do sentido. Cabe ao semioticista manobrar com coerência todos esses recursos a depender das exigências do objeto analisado.

## 2 O imaginário humano como carne. Uma narrativa pulsional

É fartamente consensual em semiótica considerarmos o nível *semionarrativo* como o coração do percurso gerativo da significação – “constante geral da produção da significação”, se quisermos a expressão de Zilberberg (2006 [1988], p. 121). Tal nível é também consolidado como lugar da *conversão antropomórfica* das estruturas elementares profundas. Recebeu vários ajustes ao longo dos avanços da teoria, e revelou-se como forte mecanismo de análise da inteligência sintagmática dos discursos humanos, não importando seus gêneros. Contudo, a outra face da estrutura narrativa, isto é, o estatuto de *antropologia do imaginário humano* – estatuto implícito desde o seu nascimento em Greimas (cf. epígrafe) – pouca atenção mereceu até hoje, exceção feita a proposições de Jean Petitot, sugestivas em múltiplos aspectos, presentes em seu texto de homenagem a Greimas, intitulado “Les deux indicibles ou la sémiotique face à l’imaginaire comme chair” [“Os dois indizíveis ou a semiótica face ao imaginário como carne”] (1985b).

Um desses aspectos é o modo pelo qual Petitot enfatiza que as estruturas narrativas são estruturas *vividas* nas paixões, nas ideologias, nas ações e mesmo no sonho. Manifestado sobejamente em discursos vários, o “sujeito de papel” desce às ruelas obscuras da vivência humana e à concretude do seu corpo. As estruturas narrativas ganham, com isso, o estatuto de “antropologia estrutural do imaginário (humano)” (Petitot, 1985b, p. 284), expressão que ele empresta de Durand (1984), à qual Petitot acrescenta o complemento: “imaginário como carne”. É este o segundo aspecto, igualmente relevante, das sugestões do conhecido discípulo de René Thom: não se trata do imaginário entendido ao modo *cognitivo*, mas do imaginário *sensível*, amarrado à carne do corpo. Para tal, a direção indicada aponta retamente para a *Metapsicologia* freudiana, um imaginário pulsional “puramente tímico e afetivo” (Petitot, 1985b, p. 284). Tal imaginário é reivindicado como a contrapartida *substancial*, de base, para a *forma* semiótica da estrutura. De natureza inconsciente, estaria “carregado com todas as obscuras forças da animabilidade, herdadas da filogênese [...] enraizado nos processos regulatórios da predação e da sexualidade” (Idem, *ibid.*).

Vê-se nitidamente, na formulação, a proveniência catastrofista (formas pregnantas e salientes da “sintaxe da predação” thomiana), bem como a co-notação metapsicológica da sexualidade freudiana. Interpretado e interceptado nesse estrato *a quo*, tal imaginário tímico e afetivo estaria, segundo Petitot, *aquém* da significa-

ção, *aquém* de algum semantismo mais abalizado, fora da consciência do sujeito; operaria na surdina, não subjetivado, “em suma, um imaginário a-semântico, não simbolizado ainda (no sentido da metapsicologia)” (Petitot, 1985b, p. 284). Anterior às suas articulações em semantismos fundamentais (vida / morte; natureza / cultura...), tal estrato se comporia “por espécies de ‘pregnâncias’ psíquicas (pulsões e/ou ideais) ‘conferindo sentido à vida’ e cujo sentido jamais é apreensível como tal, apenas por meio de sua conversão em estruturas actanciais” (Petitot, 1985<sup>a</sup>, p. 50).

A esses dois aspectos, que abrem espaço a pesquisas altamente estimulantes – (i) um imaginário que sai do papel dos textos e ganha a carne da vivência do sujeito, que, em seguida, (ii) desce do pedestal cognitivo da filosofia para o sensível pulsional da metapsicologia freudiana –, soma-se e sobressai um terceiro: o viés *naturalista* do seu enraizamento na biologia corporal, na herança filogenética. Trata-se a nosso ver de um viés monista e materialista, que se tece como um fio de Ariadne, como morfogênese física do sentido, a amarrar de ponta a ponta a emergência do sentido desde a matéria ínfima e o bios minúsculo até a mente maiúscula e sua imaginação infinita. Justamente por isso, o ponto de vista lançado por Petitot orientaria a semiótica na direção do que ele reivindica como uma “semiofísica”. As proposições desse arguto discípulo thomiano, no artigo indicado, aqui apenas noticiadas, permanecem (mais uma vez!) um campo apenas acenado, cuja exploração urge acontecer no campo semiótico. Estudos sobre elas permanecem ainda muito *aquém* da heurística que portam em potencialidades, sobretudo, porque abrem de imediato à semiótica o desafio de participar e quem sabe também instruir as pesquisas sobre o vasto campo da metapsicologia freudiana e, mais amplamente, da antropologia geral.

Ora, não obstante a fecundidade de suas proposições, nossa discordância para com o terceiro aspecto de suas proposições – o teor monista e cabalmente naturalista de sua semiofísica – leva-nos a lhe contrapor a opção de uma integração da metapsicologia pulsional de Freud à semiótica greimasiana por meio da proposição de um “percurso gerativo da subjetividade inconsciente” *de estatuto inteiramente imanente*. Segundo nossa proposta (Bevidas, 2003; 2016), a integração da pulsionalidade freudiana na semiótica pode-se dar imaginando um percurso da subjetividade humana através de três regimes da timia: um regime pulsional, um regime patológico e um regime passional, integrados por dois mecanismos de conversão. Sendo que uma explanação mais longa ultrapassaria os limites de espaço aqui oferecidos. Tal hipótese poderia ser sintetizada no seguinte esquema<sup>1</sup>:

<sup>1</sup> A proposta e as primeiras argumentações podem ser consultadas em Bevidas (2003) bem como no recente artigo “La sémiocption et le pulsionnel en sémiotique. Pour l’homogénéisation de l’univers thymique” (Bevidas, 2016).

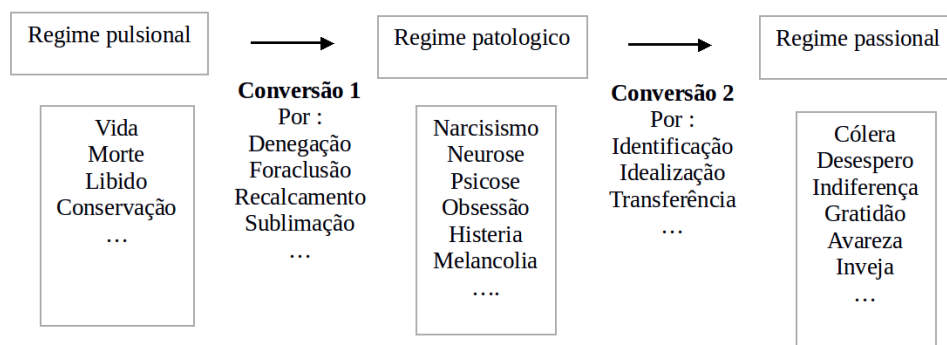


Figura 1

A diferença (crucial) entre as proposições de Petitot e a aqui noticiada incide nos vetores de sua orientação teórica: ao invés de uma morfogênese do sentido enraizada na carne do corpo, semiogênese substancial (vetor: corpo → sentido), o esquema acima entende a pulsão já *semiotizada* pelo ato de “semiocepção” – a ser referida adiante – do sujeito perante seu corpo, semiocepção formal (no sentido hjelmsleviano) no vetor: sentido → corpo.

Por sua vez, esta última proposição encontra esteio e ao mesmo tempo corrobora teses recentes de Bimbenet (2014 [2011]) sobre a “diferença antropológica” que marcaria uma “ruptura abissal” entre animal e homem.

### 3 Por uma narrativa semiótica da “diferença antropológica”

Com efeito, uma terceira maneira de pleitear a *estatuto antropológico* da narratividade, a nosso ver compatível com a última proposição acima e incompatível com aquela de Petitot (1985b), pode ser explorada a partir das pesquisas do filósofo fenomenólogo Etienne Bimbenet. Em seu sugestivo livro *O animal que não sou mais* (2014 [2011]), ele oferece-nos precioso material de reflexão para um belo debate em que a semiótica pode ser convidada a entrar. Para contextualizar seus argumentos, o filósofo convoca um panteão de especialistas sobre as “grandes narrativas” da antropogênese, isto é, sobre a longuíssima história da hominização, tanto quanto da humanização.

Bimbenet se coloca como desafio uma “experiência de pensamento”, para examinar a fundo, tendo em mãos a metodologia da filosofia fenomenológica, a questão de nossa *origem animal*, de nosso *passado animal*, enfim, de nossa *proveniência natural*:

Ninguém hoje em dia conseguiria retornar aquém do evolucionismo, salvo jogando a convicção contra as provas, a solidão contra a argumentação ou ainda a autoridade da fé contra a autoridade dos fatos [...]. O homem é, da cabeça aos pés, um ser vivente, eis o que existe de

verdade no naturalismo da ciência. (Bimbenet, 2014 [2011], p. 18-19)

O escopo de seu desafio, que dá título à obra, é, por um lado, reconhecer integralmente nossa origem animal, no lastro de um ambiente científico geral, definitivo, das aquisições pós-evolucionistas (naturalismo), liberado, portanto, de qualquer metafísica do espírito humano (humanismo), mas ao mesmo tempo procura defender, em reflexão filosófica, a ideia, ousada, de que o homem “não mais é um animal”:

O enunciado é voluntariamente provocador; nós esperamos com ele atizar o paradoxo e fazer aparecer como escandalosa nossa origem animal. [...] o fato evolutivo é definitivamente verdadeiro, [no entanto,] um comportamento humano se apresenta como infinitamente distanciado dos comportamentos animais dos quais ele é proveniente. Claro, o homem foi um animal; entretanto *ele não o é mais*. Ele está “privado” de sua origem animal, no sentido que Heidegger dava a esse termo; vivendo *com ela* e, entretanto, *sem ela*. [...] o naturalismo é verdadeiro [...]. Mas a continuidade do fio genealógico que nos religa ao animal não impede o salto qualitativo; [...] a vida é capaz de introduzir tanta distância entre o homem e o animal quanto ela coloca entre o animal e a planta. (Bimbenet, 2014 [2011], p. 26-27)

Para esse intento percorre ampla literatura e comenta as narrativas sobre a *antropogênese*, reconhecendo preliminarmente verdadeiras rupturas ou revoluções científicas atuais, proporcionadas: (i) pelos avanços da biologia molecular, que asseguram dados impressionantemente próximos do patrimônio hereditário e código genético entre animais e entre animais e homens; (ii) pelo avanço das ciências cognitivas, sobretudo a etologia cognitiva, para as quais os fenômenos mentais são integralmente fenômenos naturais; (iii) pelos avanços da primatologia, que apregoam uma linha de continuidade não apenas entre os comportamentos animais e humanos, mas também a continuidade no conjunto dos processos cognitivos que subjazem a tais comportamentos – “o homem é um vivente tão superlativo quanto o queiramos, mas suas performances, as mais excepcionais, são ainda nele performances da vida” (Bimbenet, 2014, p. 12-13); (iv) pelos avanços sobretudo da paleoantropologia, ciência da hominização,

que nos apresenta uma história contada aos milhões de anos para culminar no *homo sapiens*, levando com segurança cada vez maior ao abandono definitivo daquilo que Schaeffer (2007) tematiza como *o fim da exceção humana*. Em suma, segundo Bimbenet, tais avanços se fundam num pressuposto metodológico universal: o homem pode ser um animal singular, mas ele *se explica* como os outros – expressão que empresta de Wolf (2010, p. 150).

Com essa plataforma de revoluções científicas Bimbenet discute as grandes narrativas da hominização (2011, p. 49-89): (i) a narrativa *antropogênica* da “postura erecta”, de há muito já tematizada desde a filosofia aristotélica; (ii) a narrativa da *antropologia filosófica*, a tematizar o homem como “ser de falta”; (iii) a narrativa da antropologia de Lévi-Strauss, da passagem do estado da natureza ao da cultura, em que sobressai, como epicentro, a *interdição do incesto*. Tais grandes narrativas são conduzidas, na verdade a preparar terreno, para justificar a inclusão e desdobramentos de uma “narrativa fenomenológica” (Bimbenet, 2011, p. 91-121). Arquitetada em solo merleauPontiano e heideggeriano, tal narrativa vai lhe permitir estabelecer um corte diferencial profundo entre a percepção animal (2011, p. 123-152) e a percepção humana (p. 153-204). É esse o corte da *diferença antropológica* que resulta no animal que não mais sou. É a “ruptura abissal” entre homem e animal, referendada a expressão no pensamento de Derrida (2007, p. 52-53).

No que concerne diretamente ao campo linguageiro da semiótica, é alentador verificar seu estudo dedicar dois capítulos à linguagem, um à linguagem humana propriamente dita, e outro à confrontação entre a linguagem humana e a linguagem animal (Bimbenet, 2014, p. 205-242). É também alentador vê-lo examinar a possibilidade de que a linguagem possa desempenhar, na longa história da antropogênese, “uma função antropológicamente mais englobante que o conhecimento ou a troca de informações” (p. 205). Reconhece e endossa autores para os quais “a linguagem humana marca um verdadeiro corte (um “Rubicão”) entre ela e o que a precede” (Bimbenet, 2014, p. 209). Referencia-se mormente nas definições de Husserl, e seus influenciados (D. Davidson, R. Sokolowski), em definições neurolinguísticas (D. Bickerton). Explora sobremaneira a questão da predicação, da topicalização, tema e rema, no âmbito da filosofia da linguagem, da gramática gerativa Noam Chomsky e de adeptos (P. Reynolds, J. Bruner). Reserva até mesmo um lugar, não obstante modesto, às observações, digamos paralinguísticas, de Émile Benveniste, quando comenta a linguagem das abelhas.

Nota-se nitidamente, porém, que suas referências sobre a linguagem ignoram completamente o advento da teoria saussuriana da linguagem e as proposições radicais dele sobre a natureza do signo linguístico

e todos os desdobramentos que disso decorre. Suas reflexões ignoram o princípio semiológico, vital, da *arbitrariedade* do signo, para a construção do mundo como referente internalizado à linguagem e tudo o que isso possa significar na fenomenologia da vivência linguageira do homem. Saussure é enfim o grande ausente, na sua experiência filosófica de pensamento, mesmo a despeito do interesse que lhe adscreeu Merleau-Ponty em vários dos seus textos fundamentais (1960; 1969).

E esta ausência se torna comprometedora justo quando Bimbenet tem de reunir argumentos para contestar, por exemplo, um de seus interlocutores, no caso Sokolowski, pelo modo como este acaba vitimado por um “realismo” implícito não questionado. Qual seja, Bimbenet critica nesse pesquisador o fato de fundar a força antropogênica da linguagem na predicação – atitudes proposicionais e julgamento –, o que, ao ver do fenomenólogo, seria “confeccionado sob medida por uma apofântica: um objeto somente pode aparecer para mim se eu posso dizer algo dele e determiná-lo predicativamente” (Bimbenet, 2014, p. 209).

O realismo desse modo de proceder sobressai quando se reconhece que, ao declarar que “uma mulher é bela” ou que “o que vemos é uma zebra”, isso já significaria que colocamos “o objeto antes do sujeito”. Noutros termos, “eu realizo a revolução antropológica que toma o mundo, e o que nele aparece, como fonte de validade dos meus diferentes comportamentos” (Idem, *ibid.*). Esse tipo de atitude, segundo Bimbenet, nada mais é do que conferir um “estatuto excepcional” a um “agente de verdade” *inscrito implicitamente e de antemão na realidade*. A realidade se torna fonte primeira, “definida então como fonte de direito para o conhecer [. . .]; pressupomos a própria autoridade do mundo, enquanto que justamente seria preciso tentar deduzi-la” (p. 210). E completa, por fim: “uma razão que se contenta da autoridade do real para fazer valer seus próprios direitos é uma razão preguiçosa, que omite estabelecer a gênese da autoridade enquanto tal” (p. 210). Assim colocadas as coisas – um real hipostasiado como “o real”, autossuficiente –, a atitude realista acaba por se revelar um dogmatismo que “impede a compreensão de sua própria gênese” (Bimbenet, 2014, p. 318). Para se contrapor a tal realismo, o fenomenólogo dá as pistas corretas: “não há um mundo, já objetivo, mas a objetivação do mundo, do qual a linguagem se faz inevitavelmente preceder” (p. 214).

É justamente aqui que se vai notar a ausência do “ponto de vista” saussuriano da linguagem e dos desdobramentos que ele teve na semiótica narrativa de Greimas. Retomemos a questão: Bimbenet constrói ao longo de seu trajeto investigativo uma narrativa fenomenológica que busca legitimar o corte ou “diferença antropológica” radical na descomunal distância entre a percepção animal e a percepção humana. Assume que aquela, a percepção animal, por mais sofisticada



que possa parecer, segundo a diversidade dos animais e dos seus meios, não ultrapassa o limiar de um fascínio vital, funcionalmente ancorado no instinto de sobrevivência – um animal “pobre de mundo” (p. 94), referência importada de Martin Heidegger. Assume igualmente que esta, a percepção humana, tem estatuto infinitamente superior e *outro* por relação ao animal, dada a “multiplicidade perspectiva” (p. 153-180) que a faz alçar ao topo de um “tribunal do mundo” (p. 181-204).

O que Bimbenet deixa no entanto escapar, segundo nosso entendimento, é o fato de que a melhor estratégia para contrapor-se ao realismo (criticado) é assumir a *primazia da linguagem* perante o que a fenomenologia tradicionalmente propõe como *primazia da percepção*, no caso humano. É por isso que ao semioticista soa absurda a declaração do mesmo fenomenólogo, segundo a qual “não há nada no dizer que possa enriquecer o ver, aquele que fala *vê a mesma coisa* que se não falasse” (Bimbenet, 2014, p. 252, grifo nosso). Ora, é de se perguntar: qual pode ser a “coisa” a ser vista por um humano sem a linguagem? De que modo uma eventual percepção ante-linguagem seria capaz de fazer-nos ver alguma “coisa”? Lembremos, primeiramente, que “coisa” é um signo linguageiro, como qualquer outro, submetido às mesmas leis da arbitrariedade das linguagens, apenas hiperonímico perante os outros. Em seguida, o grande paradoxo ronda: penetrar na cabeça de um humano sem nenhuma linguagem e tentar ver que “coisa” ele vê é tão impossível como querer ver o mundo tal qual um morcego, um gato, ou qualquer outro animal. Nota-se, pois, o próprio Bimbenet resvalar no realismo criticado: o real volta a ser hipostasiado como *já estando lá*, a ser visto como “coisa” por um falante ou não falante, de igual modo.

Por outro lado, Bimbenet reivindica, com razão, que a filosofia da mente – que paira como referência quase exclusiva nas investigações dos etólogos, dos primatólogos e psicólogos do desenvolvimento – não pode ser a única “a instruir a questão antropológica” (Bimbenet, 2014, p. 36). Seu estudo porta o grande mérito de preencher um vácuo de reflexões filosóficas sobre o tema da relação, ou da distância, homem/animal, sob a perspectiva da fenomenologia de base husserliana, heideggeriana e merleau-pontiana. Em vista disso, podemos deduzir, igualmente, que falta no coral das grandes narrativas da antropogênese o timbre da voz de uma *narrativa semiótica*, de base saussuriana e greimasiana, para o advento do homem, bem como do advento do *sentido ao mundo*, narrativa que se decide com a presença e ação excedente da linguagem

humana nessa antropogênese.

O ponto de vista saussuriano é inusitado perante a filosofia analítica, filosofias da mente, e mesmo perante a filosofia fenomenológica. A Semiologia de Saussure, o ato arbitrário de fundação do signo, que *cria* os objetos do mundo como referentes *imanescentes* à linguagem; o ato semiológico que funda a linguagem do ser falante e que o fará conceber o mundo sob a égide da linguagem; esse ato, que um de nós propõe nomear de *semiocepção*<sup>2</sup>, e que vai-lhe guiar tudo o que na tradição milenar das filosofias e secular das psicologias e das etologias atuais se caracteriza como *percepção*, esses dados todos não são triviais a ponto de tal teoria permanecer desconhecida no rol das grandes narrativas da antropogênese humana. Está em branco ainda o capítulo de uma *narrativa semiológica ou semiótica* nessa longuíssima história antropogênica e nos debates que se fazem dela. Haveria boas razões para incluir no concerto dos motivos da evolução da antropogênese aquele da *presença e da ação da linguagem* no mundo humano. Talvez seja o elemento fundamental que possa explicar com maior legitimidade a *diferença antropológica radical* que faz com que não sejamos mais o animal que (certamente) o fomos. ●

## Referências

- Beividas, Waldir  
2003. Corpo, semiose, paixão e pulsão. *Semiótica e metapsicologia. Perfis Semióticos*. Mérida (Venezuela): Ediciones del Rectorado, p. 43-61.
- Beividas, Waldir  
2014. Una epistemología discursiva en construcción: la teoría semiótica inmanente entre la percepción y la semiocepción. La inmanencia en cuestión I. *Tópicos del Seminario*. Revista de Semiótica n. 31. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, p. 139-159.
- Beividas, Waldir  
2016. La sémiocaption et le pulsionnel en sémiotique. Pour l’homogénéisation de l’univers thymique. *Actes Sémiotiques*, n. 116 (en ligne). Disponible sur: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5613>.
- Beividas, Waldir  
2017. *La sémiologie de Saussure et la sémiotique de Greimas comme épistémologie discursive. Une troisième voie pour la connaissance*. Limoges: Lambert-Lucas.

<sup>2</sup> O conceito de “semiocepção” foi proposto inicialmente em Beividas (2003) e vem sendo elaborado paulatinamente desde então (cf. Beividas, 2014, 2016 e, sobretudo, 2017: 171-235). Derivada do ato semiológico – radicalmente arbitrário – do signo, a semiocepção dirige a percepção que o homem possa ter do mundo e de si próprio. É reivindicada como tendo primazia perante a percepção mesma. No caso humano, o semiológico se antecipa e se impõe ao fenomenológico. Noutros termos, a fenomenologia da vivência humana é de ponta a ponta semiológica: ouvimos, vemos e sentimos o que a paleta de signos, armados em discurso por nossa linguagem, impregna em nós através da aprendizagem das linguagens (a língua materna, por excelência, e as demais linguagens, por abrangência).

- Bertrand, Denis  
2014. Narratologie, narrativité et régimes d'immanence. *Actes Sémiotiques*, n. 117 [en ligne]. Disponible sur: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5197>.
- Bimbenet, Etienne  
2011. *L'animal que je ne suis plus*. Paris: Gallimard.
- Bimbenet, Etienne 2014. *O animal que não sou mais*. Trad. Maurício José d'Escragnolle Cardoso. Curitiba: Editora UFPR.
- Brémond, Claude  
1973. *Logique du récit*. Paris: Seuil.
- Derrida, Jacques  
2006. *L'animal que donc je suis*. Paris: Galilée.
- Durand, Gilbert  
1984. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, 10. ed. Paris: Dunod.
- Greimas, Algirdas Julien  
1973a [1966]. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Cultrix.
- Greimas, Algirdas Julien  
1973b. « Les actants, les acteurs et les figures » in Chabrol, Cl. *Sémiotique narrative et textuelle*. Paris: Larousse, p. 161-176.
- Greimas, Algirdas Julien  
1976. « Pour une théorie des modalités ». *Langages*, n. 43 p. 90-107.
- Greimas, Algirdas Julien  
2002 [1987]. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph  
2008 [1979]. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Greimas, Algirdas Julien; Fontanille, Jacques  
1993 [1991]. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.
- Hjelmslev, Louis  
1966. *Le langage*. Paris: Minuit.
- Merleau-Ponty, Maurice  
1960. *Signes*. Paris: Gallimard (Folio Essais).
- Merleau-Ponty, Maurice  
1969. *La prose du monde*. Paris: Gallimard.
- Petitot, Jean  
1985a. *Morphogenèse du Sens I*. Paris: PUF.
- Petitot, Jean  
1985b. « Les deux indicibles ou la sémiotique face à l'imaginaire comme chair » In Parret, H., et Ruprecht, H. G. (eds) *Exigences et perspectives de la sémiotique (Recueil d'hommages pour Algirdas Julien Greimas) II*. Amsterdam : John Benjamins, p. 283-305.
- Propp, Vladimir  
1984 [1928]. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro : Forense-Universitária.
- Salmon, Christian  
2007. *Storytelling. La Machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris: La Découverte, coll. « Cahiers libres ».
- Saussure, Ferdinand de  
1971 [1916]. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Schaeffer, Jean-Marie  
2007. *La Fin de l'exception humaine*. Paris: Gallimard.
- Tesnière, Lucien  
1959. *Éléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck.
- Wolff, Francis  
2010. *Notre humanité. D'Aristote aux neurosciences*. Paris: Fayard.
- Zilberberg, Claude  
2006 [1988]. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: EDUSP.
- Zilberberg, Claude  
2011 [2006]. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Zilberberg, Claude  
2012. *La structure tensiva*. Liège : Presses Universitaires de Liège.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Tatit, Luiz; Bevidas, Waldir

Potentialities of the greimassian narrativity

*Estudos Semióticos*, vol. 14, n. 1 (edição especial) (2018)

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *Having been the epicenter of Algirdas Julien Greimas' reflections on Semiotics since its origins, the narrativity is here investigated in three propositive directions: (i) To understand the implicit tensivity in the Greimasian narrative model, from Claude Zilberberg's heuristic proposals; (ii) to incorporate into narrativity - conceived as the anthropology of human imaginary - the thymic-drive regime, as defended by Jean Petitot; (iii) to suggest the entry of semiotics point of view into the debate over the "great stories of anthropogenesis" - such as the scientific-evolutionary narratives of human species, the humanist narratives of the "human exception", the phenomenological narrative of "anthropological difference", among others - to instruct such debate with the proposal of a "semiological narrative" that evidences the fundamental presence and action of language in this anthropogenesis.*

**Keywords:** *semiotics ; narrative ; anthropogenesis ; drive ; thymia*

---

### Como citar este artigo

TATIT, LUIZ; BEVIDAS, WALDIR. Potencialidades da narrativa greimasiana. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 45-54. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 15/08/2017

Data de sua aprovação: 10/12/2017

---